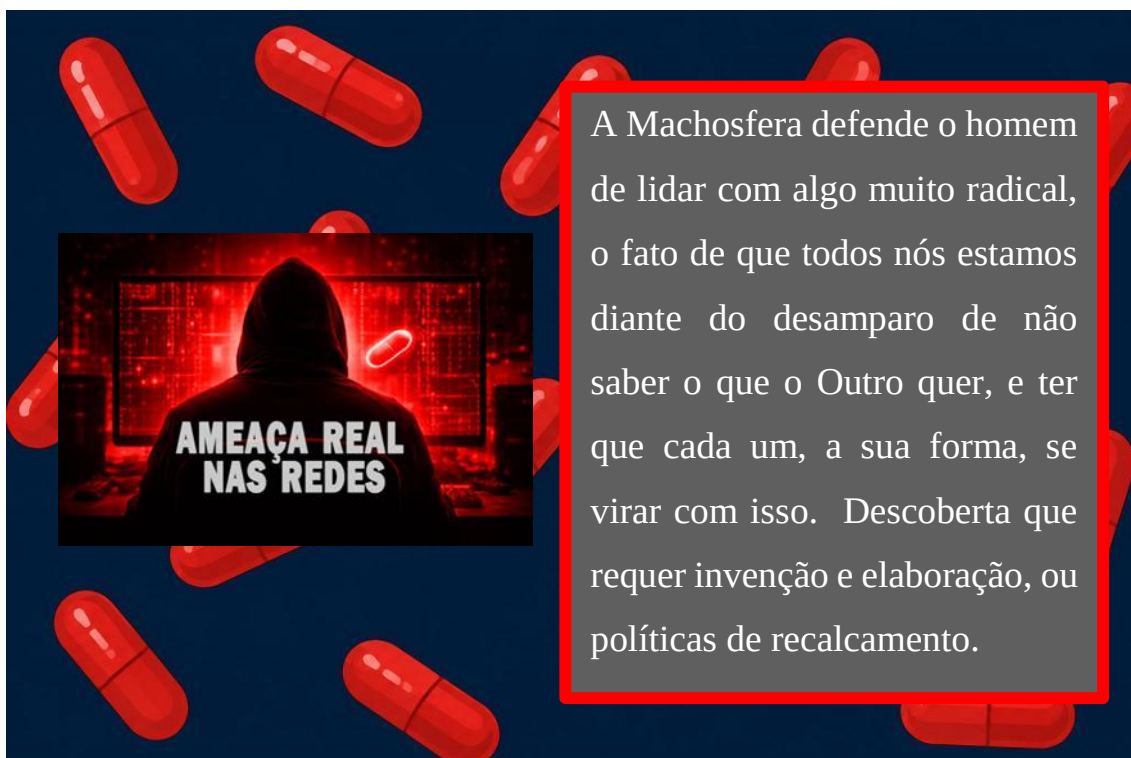


A Machosfera, uma defesa radical diante do desamparo

Nilda Sirelli



A Machosfera defende o homem de lidar com algo muito radical, o fato de que todos nós estamos diante do desamparo de não saber o que o Outro quer, e ter que cada um, a sua forma, se virar com isso. Descoberta que requer invenção e elaboração, ou políticas de recalcamento.

A sexualidade é traumática por excelência. Freud ensina, com o conceito de pulsão, que não temos um objeto predeterminado para a satisfação. Algo do saber instintual se perde nas malhas da linguagem, e cada um de nós terá nas suas experiências de satisfação

a constituição de uma cartografia psíquica, “coordenadas preferenciais” que guiam nossos enlaçamentos aos objetos e nossas escolhas amorosas a partir de alguns traços muito particulares.

Essas coordenadas vão se constituindo desde nossa entrada na vida, já que a sexualidade é

Machosfera? Mas, afinal, o que é isso?



Redpill, termo inglês inspirado no filme Matrix: o protagonista precisa escolher entre a pílula azul, que o mantém em uma realidade ilusória, e a pílula vermelha, que o desperta para a verdade do mundo.

No discurso Redpill, que produz a Machosfera, os homens precisariam despertar para a verdade: eles são os oprimidos, e o feminismo o grande vilão, produzindo a solidão masculina. Faltaria aos machos testosterona e impulso viril de dominação que, supostamente, seria o que as mulheres desejam (ainda que sem saber).

O lugar de desejo e escolha é reservado aos homens (nada de novo sob o sol), e as mulheres que não se submetem a isso são hostilizadas e degradadas.

infantil, e o corpo se erotiza apoiado aos cuidados. Por meio deles o corpo é tocado, cheirado, acariciado, olhado, falado e, ali, o sujeito descobre que todo seu corpo é erótico, é fonte de satisfação. Lacan ensina que, na adolescência, o sujeito só lança mão do ticket de entrada para o universo sexual e amoroso, pois as coordenadas dessa vida amorosa, aonde o sujeito se posiciona na partilha dos sexos e a direção das suas escolhas está nas vielas da sexualidade infantil.

A sexualidade é, por definição, sem garantias. E é isso que todo sujeito experimenta na adolescência. Basta lembrar a intensidade do sofrimento e do desamparo que vivenciamos nesse momento diante dos desencontros amorosos, da angústia sobre a nossa posição sexual e o que nos faz desejar, e ainda, do olhar do Outro sobre tudo isso.

Todo sujeito é aqui convocado a uma invenção, um

certo modo de fazer que o permita se lançar no amor, e ao risco do que esperar do outro: um sonoro “sim”, um atormentador “não”, que nos faz questionar sobre o que somos, nosso corpo, sobre nosso valor. E ainda que venha o sim, nunca será exatamente como gostaríamos, o não saber como se posicionar no jogo amoroso necessariamente aparece, mesmo quando ele acontece. A falta está posta em todo encontro.

O que vemos nos nossos tempos direcionado especialmente aos homens-meninos? Uma convocação à invenção, sempre inédita diante do amor e de um Outro que eu desconheço? Não! Assistimos, com algum assombro, serem erguidas políticas de recalçamento. Um não querer saber sobre a indeterminação do que é ser um homem, e do desejo de uma mulher, um Outro, que não se reduz a você mesmo.

O recalque é uma resistência ao saber, uma recusa àquilo que se



Conteúdos das bolhas *redpill* pipocam na internet com vídeos que exibem luxo, dinheiro e sucesso com mulheres, explorando as inseguranças de adolescentes para conseguir likes e vender cursos de como conseguir um padrão de masculinidade que garanta ser um supermacho.

A submissão das mulheres e a autoridade masculina é ensinada, e a subsequente violência caso elas não se submetam.

Então, aos pais, e/ou aqueles que cuidam:
Fiquem atentos ao conteúdo que um adolescente consome na internet.

Pesquisas mostram que basta ser adolescente e do sexo masculino, que o algoritmo já lhe direciona esse tipo de conteúdo. E ali, muitas vezes, o adolescente encontra pertencimento e alguma saída para a angústia desse momento.

afirma no inconsciente. E, diante da indeterminação, se erguem discursos totalizantes, que serviriam para todos os “machos”, e responderiam o que é ser homem, e ainda, o que quer uma mulher.

Políticas de recalque são egoicas, o que isso quer dizer? Centradas no Eu – e o Eu tem seu modo de funcionamento próprio – ele trabalha com construção de síntese, unidade e segregação, em detrimento da afirmação de diferenças que não se anulam, que constitui o inconsciente.

O discurso indentitário da machosfera atende bem a essa tentativa de síntese, construindo uma resposta única sobre a masculinidade, que cala toda possibilidade de diferença. Não basta negar a diferença, é preciso segregá-la, em uma tentativa de abolir tudo e todos aqueles que abalam nossa suposta unidade identitária.

Assim, os homens que não se encaixam nessa unidade que se

pretende universal, são “pouco homens”, “falta testosterona”, não são “homens de verdade”, porque haveria o suposto “homem de verdade”, aquele sem falta, sem furo, e que responderia ao desejo de todas as mulheres.

O esforço freudiano em tirar a predeterminação biológica da jogada, com o conceito de pulsão, cai por terra com a redução da masculinidade a testosterona, visada imaginária, que indica um sentido único, sem dualidade, para a masculinidade.

O Eu se organiza pela segregação, operação que implica em afirmar tudo aquilo que reforça a manutenção de uma imagem identificatória aonde quero me reconhecer, geralmente traços que são valorados no discurso do Outro como desejáveis, e rechaçar, colocar para fora, tudo aquilo que questiona e abala essa imagem. Colocar para fora é negar a presença daquele traço no próprio sujeito, “isso não sou eu”, mas,

“Ah, mas, elas não querem ficar comigo!”

Cada cultura valoriza alguns traços que se tornam desejáveis, enquanto outros são invisibilizados ou mesmo investidos de rechaço e repúdio.

Resultado: alguns, os detentores dos traços vistos como belos e valorosos, serão cobiçados como parceiros amorosos, enquanto outros se sentem objetos descartados. Mas, veja, isso está para todos, meninos e meninas, homens e mulheres.

Por que nos homens essa rejeição vem se transformando em ódio às mulheres e em uma afirmação narcísica que não deixa espaço para lidar com o que fracassa?

também a possibilidade de afirmar que se isso não sou eu, é o outro. Processo radical de jogar para longe algo que me angustia e me faz questionar a forma como me reconheço. E, ao mesmo tempo, pode possibilitar direcionar a recusa e o ódio a esse traço para o outro, aquele fora de mim, que eu não reconheço como semelhante.

Então, o discurso “as mulheres são frágeis”, “as mulheres não sabem o que querem” encobrem que elas são o objeto que os colocam nessa posição de fragilidade e indeterminação, porque não se sabe o que elas querem, e as certezas falham quando estou diante daquela que causa meu desejo. Então, de objeto de desejo, elas são tornadas objeto dejetivo, para onde se pode direcionar todo o ódio ligado ao fato de não ser esse supermacho alfa, que pode gozar irrestritamente, o famoso pai da horda primeva freudiano.



Processo de defesa tão antigo quanto a humanidade, isso porque o não saber qual lugar ocupamos no desejo do Outro causa angústia, nos coloca diante da ausência de garantias que marca todo sujeito humano, seja ele macho ou fêmea, ou quaisquer outros marcadores de gênero. O desamparo está para todo sujeito falante.

Frente ao sexo, cada um vai que ter que se inventar. **O que é ser homem e mulher é pego peça a peça do Outro.** A questão é que **aquilo que o Outro pode nos transmitir falha**, e veja, isso não é porque faltou um pai, ou um homem na família ou na cultura, justificativa dada por alguns homens da machosfera. Falha mesmo para aqueles que tiveram referências bem marcadas de masculinidade.

Talvez, ter onde se referenciar diminua a sensação de desamparo, alimente a fantasia de um saber sobre o sexo e todo o universo de conquistas que ele implica, mas, ainda assim, falha. Diante de um Outro desejante – e aí se situam não só as mulheres, mas todo ser falante – nenhuma referência identificatória resolve o enigma, o desejo passa por vias desconhecidas ao próprio sujeito. E se haver com o “fora”, com o desejo do Outro que nem sempre se pode capturar e o desencontro, é condição para os laços.

Eliminar a diferença é eliminar também o desejo, esse *heteros* que nos habita, e que o discurso ideológico e cheio de certezas do Eu nunca poderá

Um homem na posição de objeto, reduzido a um saber mercadológico em um apelo (e, muitas vezes, bem mais que um apelo, uma violência) para que a mulher se reduza a um objeto a ser devastado.

apagar. Ele continuará fazendo suas aparições em forma de sonhos, angústia, sintoma... Um mal-estar que é impossível de ser eliminado.

A Machosfera, como um sintoma dos nossos tempos, não encontra o alvo, mas oferece satisfações substitutivas forjadas pelo capitalismo como algo que asseguraria a virilidade e a masculinidade utópicas: fama, dinheiro, luxo, reconhecimento... E assim, uma profusão de mercadorias começam a ser ofertadas no circuito.



Na impossibilidade do encontro sexual perfeito, o próprio encontro com a diferença do Outro começa a ser rechaçado, e as mulheres encontram: ódio, violência, devastação e morte.



Eis a estrutura da lógica segregacionista do Eu, munida da força de destruição da pulsão e de laços identificatórios que produzem o grupo, banhados pelo **discurso capitalista que reduz o encontro a um falso laço**, pois não há laço de um sujeito com Outro, e sim, o que há são objetos.

Vale ainda lembrar que esse imaginário vendido é também destrutivo para os homens, que se tornam cada vez mais avessos a lidar com suas próprias fragilidades, e, sim, se é humano é frágil. Não existe aquele ideal (presente em muito do entretenimento direcionado para o público masculino) de um homem sem afeto e sem corpo, que atravessa todo tipo de sofrimento e risco físico ileso, como se a subjetividade fosse ausente, ou funcionasse como combustível

para que dali surgisse uma máquina de guerra, solitária e pronta a correr todo tipo de risco, e com orgulho dessa potência destrutiva que não se enlaça.

Lembro-me aqui de uma música do Chico Buarque que interroga:

Que nobreza você tem (...)
Que passa através do amor
E não se atrapalha
Que cruza o rio
E não se molha

É preciso dizer que esse sujeito que passa através do amor e não se atrapalha não existe, por mais que defensivamente muitos homens queiram acreditar nisso, como se fosse possível apagar o desejo. Há um retorno a um momento histórico no qual, talvez, os homens se sentissem mais seguros da sua posição. Mas não sem o ensejo neoliberal, pois o capitalismo se vale da divisão subjetiva para forjar objetos tampão ao desamparo. Quem

agencia a machosfera é antes o capital.



Aqui, o discurso capitalista, proposto por Lacan, ganha cena na discussão, tema que será explorado com mais profundidade em novos textos.

Setembro de 2026.

@nildasirelli.psicanalise

Redpill e adolescência:

https://www.instagram.com/reel/DZnr8mFk_oE/?stkn=MXc5azZkdGo1aXkzM_A==

Redpill e Adolescência 2:

<https://www.instagram.com/reel/DbG-XJbxnl3/?stkn=eGF5aWJmejk4NmV4>

Filme: Não se preocupe, querida- Redpill e psicanálise

<https://www.instagram.com/reel/DdSDUktBQ0U/?stkn=cm15a2djNDB2OHE4>

Quer saber mais sobre o tema?

Seguem algumas referências e indicações

LIVROS E TEXTOS:

O ADOLESCENTE E O OUTRO – Livro Sônia Alberti, Coleção passo a passo. Editora Zahar.

QUEM SÃO OS INFLUENCIADORES DA MACHOSFERA? – Reportagem Folha de São Paulo. 12 de março de 2026. Disponível: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2026/03/quem-sao-os-influenciadores-da-machosfera.shtml>

RECALQUE. Texto Freud, Obras Incompletas. Editora Autêntica.

Audiovisual

DICA: Tem vídeo no Instagram comentando [@nildasirelli.Psicanálise](https://www.instagram.com/nildasirelli.Psicanálise)

“NÃO SE PREOCUPE, QUERIDA” – Filme. Uma comunidade no meio deserto, em que a vida parece perfeita. Mas, algo é despertado para algumas mulheres...

“POR DENTRO DA MACHOSFERA” – Documentário Louis Theroux. Entrevistas e algum convívio com influenciadores redpill.

ADOLESCÊNCIA. Minissérie. Um menino adolescente que diante das recusas amorosas faz o pior... e seus muitos desdobramentos. Vale muito a pena assistir, um olhar para a adolescência hoje.

BBCNewsBrasil. **Como os apps exploram ‘provas de masculidade’ dos entregadores.** Disponível: https://youtube.com/shorts/HxlQyjh_dHI?si=E3ueg1Hv7Zyvt1Ts

Rita Von Huntz
Entrevista disponível: https://www.youtube.com/watch?v=t6N2l_454_Y&t=13s